

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca compreender a riqueza teológica e pastoral da imagem do Bom Pastor presente em Jo 10,1-21, à luz do contexto histórico, social e religioso em que foi produzido o Evangelho de João. Para isso, parte-se da análise do cenário da Guerra Judaica, marcada pela dominação do Império Romano e pelas profundas tensões vividas pelo povo judeu. Esse contexto de opressão, conflitos internos e busca por libertação ajuda a compreender o surgimento de diferentes grupos religiosos, entre eles os cristãos, que propunham uma nova forma de viver a fé centrada na vida e no amor. Nesse ambiente também se desenvolve a comunidade joanina, formada por pessoas marginalizadas que encontraram na proposta de Jesus Cristo um caminho alternativo de vida e esperança. A partir dessa realidade, o discurso do Bom Pastor se apresenta não apenas como uma metáfora, mas como uma resposta concreta às necessidades daquela comunidade. Assim, este estudo pretende analisar o texto em seu contexto literário e teológico, evidenciando sua crítica às lideranças opressoras e sua proposta de um novo modelo de cuidado, baseado na entrega, no amor e na promoção da vida plena.

CONTEXTO: GUERRA JUDAICA (66-73 d.C)

Em 63 d.C., os Romanos dominaram a Palestina. No tempo de Jesus e um pouco depois, as revoltas e os descontentamentos com a opressão dos romanos atingiram o auge. O contexto histórico da Guerra Judaica é fundamental para compreender o ambiente em que se desenvolvem as imagens pastorais presentes no Evangelho, como a do Bom Pastor. Desde 63 a.C., com a intervenção do general romano Pompeu, a Palestina passou a estar sob o domínio do Império Romano, o que gerou tensões políticas, econômicas e religiosas entre a população judaica. No tempo de Jesus e nas décadas seguintes, essas tensões se intensificaram devido à exploração fiscal, à presença militar estrangeira e à interferência romana nas práticas religiosas locais. Esse cenário provocou revoltas frequentes, alimentadas por diferentes grupos que buscavam libertação e autonomia. Assim, o descontentamento generalizado atingiu seu auge, culminando na grande revolta judaica. É nesse contexto de crise, insegurança e busca por liderança autêntica que a imagem do pastor ganha ainda mais força simbólica, sendo interpretada, à luz de autores

como Shigeyuki Nakanose, como uma crítica aos líderes que não cuidavam do povo e como uma proposta de cuidado, proteção e entrega em favor da vida das ovelhas.

Em 66 d.C, os romanos saquearam o Templo de Jerusalém. Os vários grupos, mesmo tendo posições diferentes, se reuniram e lutaram contra os dominadores. Nessa guerra o povo Judeus foi derrotado, Jerusalém e o Templo foram destruídas. Os grupos lutadores foram desarticulados e quase desapareceram. Os Judeus cristãos e os judeus fariseus sobreviveram porque não participaram da guerra. Os Judeus fariseus foram se fortalecendo, a sinagoga passou a ser uma forte instituição para garantir, proteger e controlar a vida do povo. Os romanos fizeram aliança com os Fariseus. Os fariseus tinham o Direito de interpretar e aplicar a Lei, utilizando-a também para cobrar tributos dos Judeus. Com a aliança com os romanos, a religião Judaica, organizada pelos judeus fariseus era considerada como "Religião Lícita"; religião permitida pela lei do Império Romano. A lei passou a ser instrumento de opressão; a Lei do Sábado e a Lei do impuro e puro.

GRUPO DOS CRISTÃOS

No interior da Sinagoga surgiram alguns grupos, entre eles o grupo dos Cristãos que começaram a relativizar a importância da Lei, pondo em primeiro lugar a vida humana. Isso provocou vários conflitos. Aqueles que não cumpriram a Lei foram perseguidos, torturados e expulsos da sinagoga. Eles estavam sujeitos à perseguição do Império Romano. No final do período do imperador Domiciano (81-96 d.C), a perseguição contra os cristãos foi intensificada e generalizada, atingindo especialmente os grupos cristãos da Ásia Menor, entre qual estava a comunidade Joanina.

A COMUNIDADE JOANINA

Era composta de pessoas pobres e marginalizadas. Eles viviam como irmãos e irmãs, unidos não pela Lei, mas pelo amor. Eles vivia sob a opressão da Lei e conseguiram ver na proposta cristã um caminho alternativo. Eles vivenciaram o amor mútuo e a certeza que a presença do Verbo Encarnado, em cada homem e mulher era a base que sustentava e animava sua vida. Era uma comunidade mista, composta de seguidores do grupo de João Batista, Galileus,

Samaritanos, Judeus que assumiram a proposta cristã, Gregos e liderança das mulheres. A comunidade Joanina era de mulheres e homens desprezados, considerados impuros pelos dirigentes de Jerusalém, pessoas simples, pobres e menosprezadas, sofredores, pessoas expulsas da sinagoga, estrangeiros e mulheres faziam parte dessa comunidade. Eles esperavam a vinda do Messias, de um libertador para salvar Israel¹

O BOM PASTOR (JO 10, 1-21)

A perícope em que encontramos o título cristológico do Bom Pastor está situada na primeira parte do Evangelho de João, conhecida como o “Livro dos Sinais”, onde são narrados os gestos realizados por Jesus Cristo com o objetivo de revelar sua identidade e missão. Esse trecho (Jo 10,1-21) não aparece de forma isolada, mas está profundamente ligado ao contexto narrativo e teológico que o precede e o segue. De fato, essa perícope encontra-se entre dois sinais importantes: o sexto sinal, que é a cura do cego de nascença (Jo 9), onde Jesus se apresenta como luz do mundo e entra em conflito com os fariseus, e o sétimo sinal, a ressurreição de Lázaro (Jo 11), que manifesta seu poder sobre a morte e antecipa sua própria ressurreição. Assim, o discurso do Bom Pastor funciona como uma ponte entre esses dois acontecimentos, aprofundando o tema da revelação de Jesus como aquele que conduz, protege e dá a vida por suas ovelhas. Nesse contexto, a imagem do pastor ganha um sentido ainda mais forte: em contraste com líderes que não reconhecem a ação de Deus e não cuidam do povo, Jesus se apresenta como o verdadeiro pastor, aquele que conhece suas ovelhas, as chama pelo nome e está disposto a entregar a própria vida por elas.

ANÁLISE LITERÁRIA

Como bem sabemos, o texto original da Bíblia não era dividido em capítulos, no entanto, ao lermos esta perícope de JO 10,1-21, podemos notar como que uma continuidade da perícope anterior, 9,1-41, que trata da cura do cego de nascença. O texto em si, mostra a continuidade do discurso de Jesus dirigido aos fariseus que expulsaram da Sinagoga o homem curado². As duas

¹ CENTRO BÍBLICO VERBO, Entendendo o Evangelho de João, Paulus, São Paulo 2015

² Keener, Graig S: Comentário histórico-cultural da Bíblia: No Testamento, São Paulo, Vida Nova, 2017, p 333-332

partes são intimamente ligadas, e juntas constituem uma unidade joanina simples de narração e discurso.³

O capítulo 10 está situado entre duas secções claramente distintas, e a divisão é feita após o v. 21. Os versículos 1-21 encerram um discurso sobre o tema do pastor e do rebanho. Mais precisamente, eles contêm dois pequenos discursos que desenvolvem o mesmo tema geral, sendo cada um deles seguido por de uma afirmação sobre seu efeito nos ouvintes. Por exemplo: no vv1-5, o autor diz que os fariseus não entenderam o que Jesus lhes falava; nos vv 7-18, vemos que a fala de Jesus causou divisão entre eles.

A perícopes se baseia em imagens do Antigo Testamento que tratam Deus como o Pastor de Israel (Gn 48.15; 49.24; Sl 23,1; Is 40.11; Ez34.11-31), E Israel como rebanho do Senhor (Sl 74,1; 78,52; 79,13; 100,3), e os líderes religiosos opressores ou infiéis como os destruidores desse rebanho (Jr 23,1,2; Ez 34). Entre os pastores fiéis (Jr 3,15), estavam Moisés, Davi (2Sm 5,2; Sl 78. 71,72) e o Messias davídico (Mq 5.4), mas é Deus que aparece com frequência, como supremo pastor de Israel.

No antigo oriente, a tarefa do pastorear era assumida pelos membros da família, sobretudo pelos homens por causa dos riscos de enfrentar feras e outros perigos. As mulheres e crianças cuidavam do rebanho somente nas proximidades da casa (Ex 2,16-17; 1Sm 16). Os pastores deviam ser prudentes, pacientes e dedicados. O rei era considerado ao pastor e ser chamado de pastor era uma honra, especialmente pelas características de cuidado e proteção.⁴

A perícopes contém forte acusação contra os dirigentes judeus, exploradores do povo, que continua as feitas anteriormente nos dois episódios do templo (2,13ss; 8,31ss). Exercem a opressão com plena culpa, pois, tendo diante de si a luz, a rechaçam⁵. São cegos voluntários que tentam justificar o que é falso e apresentá-lo como vontade de Deus. Arrogam-se a missão que não têm, unicamente para proveito pessoal. Jesus afirma, por isso, que a sua missão como enviado é tirar o povo explorado da instituição opressora, a fim de formar

³ CHARLES Harold Dodd: A Interpretação do Quarto Evangelho, São Paulo, Ed, teológica, 2003, p 460

⁴Nakanose, Sh. 2015

⁵ J, Mateos/ J, Barreto: O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético, São Paulo, paulus, 1999, p 450

comunidade alternativa, onde o homem encontre a sua plenitude. Ao passo que os dirigentes só buscam o seu próprio interesse, destruindo o povo, Jesus anuncia que vai dar livremente sua própria vida para salvá-lo. A comunidade humana que ele vai formar não será continuação de Israel, mas reunirá homens de origem diversa. Uma missão que recebeu do Pai.

A ligação entre as duas perícopes dá-se no contexto de uma ação de Jesus e um discurso aos Fariseus. Jesus ao curar o cego (Jo 9,1-7), surge uma série de interrogações ao homem curado por parte dos fariseus (Cf. Jo 9,13-34) e em seguida, Jesus repreende-os (Cf. Jo 9,39-41). A partir destes versículos começa a parábola do Bom pastor, onde Jesus dá sentido às suas ações, recuperando a noção do pastor do Antigo Testamento (Ez. 34, 1-34). Jesus apresenta uma nova alternativa que leva a liberdade e à vida plena. Esta nova alternativa é Ele mesmo, em contraposição ao agir dos fariseus, vistos como aqueles que não entram pela porta do curral (v 1), por isso são ladrões, assaltantes e mercenários.

Não podemos compreender este discurso de Jesus, sem termos por referência ao capítulo 34 do livro do profeta Ezequiel, que deve ter estado na mente do autor deste evangelho. A comparação do povo de Deus com um rebanho é parte de um simbolismo não só bem estabelecido, como também natural (Cf. DODD, 464). Neste capítulo o profeta denuncia os chefes corruptos de Israel como falsos pastores do rebanho de Deus. Em vez de nutrir o rebanho, eles o pilham. Em vez de protegê-lo, deixam que vague desnortado, causando assim a dispersão do rebanho e sua exposição ao ataque dos animais selvagens. Por isso, devem ser depostos de seu ofício e jávé, guardará suas ovelhas como um pastor guarda seu rebanho num dia escuro e nublado...

A semelhança com Jo 10,1-8, vai bem longe. Jesus fala de ovelhas que são pilhadas por salteadores, negligenciadas por mercenários, dispersadas e dilaceradas por lobos (Cf. DODD 465). Mas o Bom Pastor as conduz para fora do rebanho; elas são salvas; entram e saem e encontram pastagem; as salva dos lobos; ele conhece as ovelhas e estas a conhecem e trará outras ovelhas de um rebanho diferente e haverá um só rebanho e um só pastor.

A profecia de Ezequiel é em primeiro lugar uma sentença de julgamento contra os indignos chefes de Israel, que são denunciados por roubarem e matarem as ovelhas (34,3) e por abandoná-las aos animais selvagens (34,8). Do mesmo modo, o discurso de Jo 10 acusa tanto aqueles que roubam, matam e destroem o rebanho (10,1-10) como os mercenários que abandonam o rebanho ao lobo (10,10-13). (Cf. DODD, 2003)

Parece que está em vista a mesma espécie de crime. É sobre os falsos chefes do povo de Deus que a sentença é pronunciada aos mesmos que são submetidos a julgamento na conclusão da cena de julgamento em 9.41. Em Ezequiel 34 o severo julgamento sobre os falsos pastores conduz a uma promessa de libertação para o rebanho. Da mesma forma, em Jo 10,1-12 os salteadores e mercenários servem de contraste para o Bom Pastor, que executa as funções de Davi, o “único pastor”, e do próprio Deus; pois para João, é Cristo, como para Ezequiel é javé, que conduz as ovelhas, fornece-lhes pastagens, as traz de volta quando se dispersam, livra-as do lobo, e realiza a sua salvação.

Mas em João o quadro do bom pastor é enriquecido com traços que vão além do círculo de ideias de Ezequiel. Em particular, o pastor dá vida às ovelhas (10,28). Havendo assim uma deslocação do tema, isto é, da luz para o conceito-gêmeo de vida. Conforme as imagens do discurso, Jesus surge como heroico pastor. Ele sai ao encontro do lobo, e dá a sua vida em defesa de seu rebanho. Isto, junto com o evangelista, pode levar-nos a pensar na paixão de Cristo como um sacrifício voluntário e vicário de si mesmo.

Para os cristãos, Jesus é o seu pastor. Seguindo a palavra e prática de Jesus, eles podem encontrar a plenitude da vida. Jesus é a porta do redil e os verdadeiros pastores são aqueles que entram pela porta de gratuidade, da partilha e da justiça que faz brotar a vida. Jesus afirma “Eu Sou O Bom Pastor”. Essa afirmação evoca a apresentação de Deus a Moisés na sarça ardente como “Eu Sou” (Ex 3,14). É o nome próprio de Javé. A obra de Jesus “Eu Sou” é divina e autêntica com as imagens conhecidas como porta, pão da vida, pão descida do céu, caminho, verdade e vida. Jesus é o Bom Pastor que conduz, cuida,

proteja, une e guarda o rebanho. A Missão do Pastor é cuidar também as ovelhas que não são deste curral (Jo 10,16).

O olhar de Jesus é amplo e inclui os samaritanos, gregos, romanos e todas as pessoas. A relação de amor entre Deus Pai e o seu Filho é o modelo e o fundamento da comunhão entre Jesus e os seus. O pastorear de Jesus se realiza na liberdade. Ele propõe o único mandamento de amor até o extremo (Jo 10,18; 13,1). O sonho de Jesus é que todos tenham a vida plena e que cada pessoa viva de maneira digna. Jesus é o Bom Pastor que dá a vida livremente (Jo 10,18).

ESTRUTURA E COMENTÁRIO.

Juam Mateos e Juan Barreto (1999) apresentam-nos para esta perícope a seguinte estrutura.:

9,39-41: A cegueira voluntária, pecado dos dirigentes.

10,1-6: Êxodo fora da instituição judaica

10,7-10: Jesus, única alternativa.

10,11-16: O modelo do pastor.

10,17-18: Amor do pai e entrega de Jesus.

10,19-21: Divisão entre os dirigentes.

A perícope começa com o diálogo entre Jesus e o grupo dos fariseus (9,39-41), onde ele afirma ter vindo ao mundo para realizar um julgamento-, continua com a longa exposição de Jesus (10,1-18) “Eu sou...”, a qual contém várias unidades.

Em primeiro lugar Jesus declara a legitimidade do seu propósito de tirar seus seguidores da Instituição judaica (10,1-6) e se apresenta como única alternativa de vida (10,7-10); em seguida define-se como modelo de pastor, porque, diferentemente dos que buscam o seu interesse, ele vai dar tudo, inclusive a vida pelos seus, que não pertencem só a Israel (10,11-16). Expõe, por fim, a relação que o une ao Pai, que lhe confiou a missão (10,17-18). E termina descrevendo a divisão que o discurso provoca entre os dirigentes (‘0,‘9-

21). Assim, o texto nos apresenta algumas características fundamentais que distinguem o pastoreio de Jesus ao dos dirigentes de Israel (Fariseus).

Os dirigentes de Israel são descritos como : Cegos (9,39-41), ladrões- termo aplicado também a Judas Iscariotes- e bandidos (10,1) - termo que se aplica também a Barrabás (18,40), Estranhos (10, 5) e mercenários (10,11-13).

Jesus é apresentado como:

Luz (Jo 1, 4-10);

Porta das Ovelhas (10, 7-8): O termo Ovelhas diz alude-se ao povo dominado e explorado pelos dirigentes tanto Templo, como do império.

A Porta (10,9-10): Jesus se apresenta como a porta, por ser ele mesmo o acesso à vida, a alternativa à morte.

Bom Pastor (10,11. 14-15): Pastor é o termo que descreve sua atividade com os que o pai lhe confiou (10,39). Ele dá a vida pelas Ovelhas.

ATUALIZAÇÃO

O texto de João 10,1-21 apresenta uma das imagens fortes e significativas da fé cristã, “Jesus como o Bom Pastor”. Essa imagem nasce em um contexto de sofrimento e perseguição vivido pela comunidade joanina, por volta do final do século I. Diante da opressão do Império Romano e dos conflitos com as lideranças religiosas da época, os cristãos enfrentavam medo, exclusão e insegurança. É nesse cenário que o Evangelho de João surge como uma mensagem de encorajamento, reafirmando que Jesus é o verdadeiro guia do povo, aquele que não abandona suas ovelhas.

Diferente dos falsos pastores representados por líderes que exploram, oprimem e buscam seus próprios interesses Jesus se apresenta como aquele que conhece profundamente cada pessoa. Ele estabelece uma relação de proximidade, cuidado e amor. Ao afirmar “eu conheço minhas ovelhas e elas me conhecem”, o texto revela uma ligação baseada na confiança, na intimidade e no compromisso mútuo. Essa relação vai além de uma liderança distante: trata-se de um vínculo verdadeiro, onde o pastor caminha junto com o povo e está disposto a dar a própria vida por ele. A figura do Bom Pastor também está

profundamente ligada à tradição do Antigo Testamento, onde Deus é apresentado como aquele que cuida do seu povo. Ao longo da história bíblica, muitos líderes falharam em sua missão, sendo denunciados como “maus pastores” por não cuidarem dos mais fracos e necessitados. Em contraste, Jesus assume esse papel de forma plena, tornando-se o modelo perfeito de liderança baseada no amor, na justiça e na solidariedade.

Ao atualizar essa mensagem para os dias de hoje, percebemos que ela continua extremamente atual e necessária. Vivemos em uma sociedade marcada por desigualdades, injustiças e diversas formas de exclusão. Muitas pessoas ainda se encontram em situações de vulnerabilidade, sem apoio, sem voz e sem perspectivas como ovelhas sem pastor. Também encontramos lideranças que, em vez de servir, buscam poder, prestígio e benefícios próprios, repetindo atitudes semelhantes às criticadas no Evangelho.

Diante dessa realidade, a figura do Bom Pastor se torna um critério importante para refletirmos sobre o tipo de liderança que queremos e precisamos. O verdadeiro líder é aquele que serve, que escuta, que protege e que promove a vida. Ele não abandona nos momentos difíceis, não age com violência ou indiferença, mas se compromete com o bem-estar de todos, especialmente dos mais frágeis. Seguir Jesus como Bom Pastor não significa apenas acreditar nele, mas assumir seu projeto de vida. Isso implica viver valores concretos no dia a dia, como a solidariedade, o respeito, a justiça e o amor ao próximo. Significa também denunciar situações de injustiça e agir para transformar a realidade, tornando o mundo mais humano e fraterno.

Além disso, o texto nos convida a refletir sobre nossa própria postura: estamos sendo bons pastores na vida das pessoas ao nosso redor? Em nossas famílias, escolas, comunidades e relações sociais, somos chamados a cuidar uns dos outros, a ouvir, acolher e ajudar. Pequenas atitudes de cuidado e atenção já são formas concretas de viver o ensinamento de Jesus. Outro aspecto importante é compreender que o projeto do Bom Pastor é universal. Quando o texto afirma que há “outras ovelhas que não são deste redil”, ele mostra que a missão de Jesus não se limita a um grupo específico, mas se estende a todos.

Isso nos desafia a superar preconceitos, divisões e exclusões, reconhecendo a dignidade de cada pessoa.⁶

TRAZENDO PARA A REALIDADE DE HOJE

A mensagem do Bom Pastor continua extremamente atual nos dias de hoje, especialmente diante de uma sociedade marcada por desigualdades, injustiças e falta de cuidado com os mais vulneráveis. Assim como no tempo de Jesus, ainda existem muitas pessoas que vivem como “ovelhas sem pastor”, necessitando de orientação, acolhimento e proteção. Nesse contexto, destaca-se o exemplo do Papa Francisco, que procurou viver de forma concreta o modelo de pastoreio apresentado por Jesus. Sua atuação foi marcada pela simplicidade, pela proximidade com os pobres e pela defesa da dignidade humana. Ao afirmar que o pastor deve ter “cheiro de ovelha”, ele reforça a ideia de que o verdadeiro líder deve estar próximo do povo, conhecendo sua realidade e suas dificuldades. Dessa forma, sua liderança se tornou um testemunho atual de serviço, amor e compromisso com a vida, mostrando que o ensinamento do Bom Pastor não pertence apenas ao passado, mas continua sendo um caminho concreto para transformar o mundo em um lugar mais justo, humano e solidário.⁷

⁶ NAKANOSE, Shigeyuki. A Vida Pastoral a partir do Evangelho de João. São Paulo: Paulus, 2000.

⁷ Boff, Leonardo. Igreja: Carisma e Poder. Petrópolis: Vozes, 1981.

CONCLUSÃO

A análise do texto de Jo 10,1-21 permite perceber que a imagem do Bom Pastor vai muito além de uma simples comparação, constituindo-se como uma profunda síntese da identidade e missão de Jesus Cristo. Inserido no contexto de crise provocado pela Guerra Judaica e pelas tensões entre diferentes grupos religiosos, o discurso revela uma forte crítica às lideranças que oprimem e exploram o povo, contrapondo-as ao verdadeiro pastor que conhece, cuida e dá a vida por suas ovelhas. A comunidade joanina, marcada pela exclusão e perseguição, encontra nesse texto uma fonte de consolo e esperança, reconhecendo em Jesus aquele que conduz à vida plena. Além disso, a análise das referências ao Antigo Testamento evidencia a continuidade e, ao mesmo tempo, a novidade da proposta de Jesus, que assume e plenifica a imagem de Deus como pastor. Atualizando essa mensagem, percebe-se que o chamado a viver o modelo do Bom Pastor continua vigente, desafiando cada pessoa e comunidade a assumir uma postura de cuidado, serviço e compromisso com os mais vulneráveis. Dessa forma, o texto não apenas ilumina o passado, mas interpela o presente, convidando à construção de uma sociedade mais justa, fraterna e centrada na vida.

REFERÊNCIA:

CENTRO BÍBLICO VERBO, *Entendendo o Evangelho de João*, Paulus, São Paulo 2015

CHARLES Harold Dodd: *A Interpretação do Quarto Evangelho*, São Paulo, Ed, teológica, 2003

J. Mateos/ J, Barreto: *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegetico*, São Paulo, Paulus, 1999.

GRAIG S. Kenner: *Comentário histórico-cultural da Bíblia: No Testamento*, São Paulo, Vida Nova, 2017

NAKANOSE, Shigeyuki “*Eu sou O Bom Pastor*”, *Vida Pastoral* 305 (2015): p. 13-22

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1981.